MÉDICOS NO INSTITUTO DO CEARÁ

Osvaldo Riedel

O Instituto do Ceará completará, aos quatro dias de março vindouro, noventa anos de profícua existência. Nesse quase centenário de ininterrupta atividade nas áreas de Antropologia, Geografia e História, poucos têm sido os intelectuais que nele ingressaram na qualidade de sócios efetivos. E isso não obstante ser, o Ceará, viveiro de mentes privilegiadas naqueles setores do conhecimento humano. Se incluirmos os doze fundadores, na recuada era de 1887, concluímos que transpuseram os umbrais daquele sodalício, até hoje, apenas noventa e seis sócios efetivos, dos quais dois ainda não foram empossados por terem sido recentemente admitidos.

Análise retrospectiva que focaliza a profissão dos membros efetivos do Instituto do Ceará permite destacar, dessa quase centena de sócios, dez discípulos de Hipócrates, quatro dos quais já não mais se encontram entre os vivos.

Os esculápios perfazem portanto, nesse cômputo, o significativo contingente de cerca de um décimo do total de membros titulares. São eles: Guilherme Chambley Studart ou Barão de Studart (como é mais conhecido), Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes, Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Carlos Ribeiro, já falecidos. E mais ainda: Carlos Studart Filho, Josa Magalhães, Florival Seraine, João Batista Saraiva Leão, Oswaldo de Oliveira Riedel e Vinicius Antonius Holanda de Barros Leal.

Todos esses facultativos exerceram a profissão: alguns durante pouco tempo, outros por extenso período. E em muitos casos havia atividade paralela ou então abandono temporário da clínica para melhor assistência em novos encargos, eletivos ou não. Assim, Álvaro Fernandes e Fernandes Távora tiveram brilhante e destacada atuação no cenário político nacional: aquele como Deputado Federal, este como líder político, Deputado Federal, Governador do Estado e Senador. Carlos Studart Filho e

Oswaldo Riedel exerceram o magistério no Exército, reformando-se ambos como oficiais generais. Carlos Ribeiro pontificou no ensino de nível superior e dirigiu o vacinogênio anti-rábico do município de Fortaleza. Também atuavam no ensino universitário, e com notável proficiência, Josa Magalhães e Saraiva Leão, hoje aposentados. Continuam no desempenho de atividades docentes, na Universidade Federal do Ceará, Vinicius Barros Leal e o autor destas linhas.

É compreensível que a formação humanística, simultaneamente base e continuidade para os que se dedicam à Ciência-Arte de Curar, tenha sido o fator preponderante que levaria esses esculápios ao ingresso no Instituto do Ceará. O homem, tão grandioso e tão insignificante no Universo que o cerca, meio tenso entre o átomo e o astro no dizer de Eddington, merece abrangente perquirição no âmbito da Medicina. O estudo das disciplinas básicas e profissionalizantes, no espaço e no tempo, são de molde a despertar, no médico o interesse pela Antrpologia, Geografia e História. Eis porque encontram os discípulos de Hipócrates, no Instituto do Ceará, ambiente acolhedor e propício ao aprimoramento desses pendores que, subjacentes e pouco explorados, esperam a oportunidade favorável para sua natural expansão.

Não foi, portanto, mero acaso que justamente um médico, o Barão de Studart, tenha sido o mais produtivo dos faiscadores de gemas preciosas no garimpo, nem sempre acessível, da história do Ceará colonial. Sua bagagem bibliográfica nesse particular, é surpreendentemente opulenta. Pode mesmo dizer-se que a historiografia dos primórdios da civilização em território cearense compreende duas etapas: a que, eivada de erros e distorções, precedeu as pesquisas do Barão de Studart e a que lhe sucedeu, fundamentada na segurança da documentação de incontestável e incontestada legitimidade, que aquele pesquisador soube tão bem coligir e selecionar.

Deixou assim o Barão de Studart exemplos de diligência e probidade, senso crítico e lúcido discernimento na pesquisa de documentos históricos, exemplos que seus colegas de profissão, no Instituto do Ceará, têm procurado seguir.

("O POVO", de 26 de fevereiro de 1977).